

5. ECOMUSEU

Coordenadora: Profa Dra Yára Mattos

**ECOMUSEU DA SERRA DE OURO PRETO/MG: MORROS DA QUEIMADA,
SANTANA, SÃO JOÃO, SÃO SEBASTIÃO E PIEDADE**

Coordenadora: Profa Dra Yára Mattos

Museóloga/ Departamento de Museologia

Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP

Membro da ABREMC/Associação Brasileira de Ecomuseus/Museus

Comunitários

Membro do MINOM/Movimento Internacional da Nova
Museologia/ICOM/UNESCO

PROJETO

Cada marco de porta evoca

Um passado que conosco está

Como se a carne pertencera.

E nossa história, quem narrará?

Alphonsus de Guimaraens Filho

INTRODUÇÃO

A importância histórico-cultural da cidade de Ouro Preto é inegável. Constituída pelos arraiais mineradores do século XVIII, está situada estrategicamente aos pés do Pico

do Itacolomi, marco geográfico e simbólico dos inúmeros caminhos percorridos por todos aqueles que se aventuram e se (des)venturam pelas estradas da vida. São trezentos e dez anos de formação de um acervo arquitetônico, paisagístico, histórico e artístico, fruto de uma sociedade plural, que deixa transparecer em sua dinâmica cotidiana, toda beleza e simplicidade da maneira de ser de seu povo, captada exemplarmente por Aloísio Magalhães: “(...) Acordei às seis da manhã. Saí andando pela cidade. Então, assisti a como ela amanhece e como se inicia sua vida. Este processo de aprendizado é até mesmo físico. Muito cedo, as linhas das casas são *floues*, por causa da neblina, e só aos poucos se delineiam. Então você vê as casas que se abrem, o leite que entregam, o carteiro que começa a trabalhar. O que quero dizer com isso é que é preciso conhecer a vida para entender o passado e seu processo de continuação”.¹

Isso significa que Ouro Preto não é uma cidade congelada no tempo, exposta somente à curiosidade turística. Por detrás das tramas de telhados, casas, becos, ruas e ruelas, existe todo um sistema de relações sociais e culturais, que trabalha no sentido de projetar as releituras das memórias passadas nas vivências do presente. Mas “O tempo cultural não é cronológico. Coisas do passado podem, de repente, tornar-se altamente significativas para o presente e estimulantes do futuro” (Magalhães, 1985, p.67).

O grande desafio a ser enfrentado – o de inserir a cidade no panorama contemporâneo, com sustentabilidade, considerando-se a preservação de seu patrimônio cultural e natural – clama por ações articuladas, envolvendo todas as esferas da sociedade. Em Ouro Preto, preservar implica o estabelecimento de uma política voltada à qualidade de vida do cidadão.

Neste sentido, a implementação de um projeto baseado em conceitos, metodologias e ações desenvolvidas sob os princípios do Museu Comunitário/ Ecomuseu, torna-se pertinente e necessário, indo ao encontro das necessidades e demandas comunitárias dos bairros em questão, remanescentes do antigo Arraial do “Ouro Podre”, importante

¹ MAGALHÃES, Aloísio. **E Triunfo? A questão dos Bens Culturais no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 186.

núcleo minerador precursor da formação de Vila Rica. Seu proprietário, o rico comerciante Paschoal da Silva Guimarães, veio do Rio de Janeiro à procura de ouro, a exemplo de tantos outros.

HISTÓRICO

Os primeiros passos:

Segundo o documento *Redelimitação do Parque Natural Municipal das Andorinhas*, “ a partir da Audiência Pública de 21/03/2001, promovida pela Comissão de Administração e Serviços Públicos da Câmara Municipal de Ouro Preto, foi criado um grupo técnico para redelimitação da área de proteção do Parque Municipal da Cachoeira das Andorinhas e Morro da Queimada, visando ampliar a área do Parque para proteção das nascentes altas do Rio das Velhas ” (Prefeitura Municipal de Ouro Preto, junho de 2005).

Tal grupo de trabalho contou com a participação de instituições públicas e associações, como o IPHAN, a UFOP, o atual CEFET-OP, o IEF, a CODEMA-OP, o Projeto Manuelzão, a AMA-OP, a APAOP e a Associação de Bairro do Morro São Sebastião.

Ainda segundo o mesmo documento, nova “Audiência Pública foi realizada a 25/03/2003, para apresentação de estudo técnico de delimitação da área de proteção do Parque Municipal das Andorinhas e do Morro da Queimada”. Nesta ocasião, os dois parques, “por apresentarem características distintas, foram separados e o grupo de trabalho dividido em duas subcomissões: a do Morro da Queimada, composta pelo IPHAN, UFOP, CEFET-OP, AMA-OP e Câmara Municipal de Ouro Preto, e a das Andorinhas formada pelo IEF, PMOP, Projeto Manuelzão, APAOP, Associação de Bairro do Morro São Sebastião”.

O estudo em questão conseguiu definir etapas de trabalho que não chegaram a ser realizadas pelo Executivo Municipal daquela época (2003). A minuta de Lei chegou a ser elaborada, discutida e aprovada em reunião ordinária da CODEMA. A Lei propriamente dita não foi encaminhada para votação na Câmara Municipal.

Durante audiência pública realizada em fevereiro de 2005, junto às respectivas comunidades, foram colocados em discussão, temas referentes às questões de preservação e criação do *Parque da Cachoeira das Andorinhas*, transformando o local em área de proteção ambiental, e do *Parque Arqueológico do Morro da Queimada*, projeto bastante complexo envolvendo a Prefeitura Municipal de Ouro Preto e os Ministérios da Cultura, da Cidade, do Turismo, do Meio Ambiente, das Minas e Energia. Nesta ocasião, ao ser aberto o debate, tivemos oportunidade de lançar as *primeiras idéias ecomuseológicas*, recebidas com um misto de curiosidade e desconhecimento. Em Minas Gerais, não existe ainda nenhuma experiência neste campo. Posteriormente, iniciou-se a fase de sensibilização de lideranças locais para o tema.

Nesta ocasião, março de 2005, contactamos a equipe do *Ecomuseu do Quarteirão/Santa Cruz* e realizamos uma viagem ao Rio de Janeiro para conhecer o trabalho aí desenvolvido que completava 12 anos, e possui merecido reconhecimento de especialistas nacionais e estrangeiros, tornando-se referência ao lado do *Ecomuseu de Seixal*, em Portugal e do *Ecomuseu de Creusot*, na França. Foram sessões de relatos das experiências, seguido por reflexões, debates e visita aos locais considerados partes integrantes do referido Ecomuseu.

As primeiras ações:

Durante o Fórum das Artes/ Festival de Inverno de Ouro Preto – 8 a 30 de julho de 2005 - duas ações efetivas aconteceram. A primeira, uma oficina na área de artes plásticas, que propiciou o envolvimento social entre seus participantes e a comunidade. Intitulada *Nas pegadas de Pedro II: aula passeio no Morro da Queimada*,

foi ministrada por artista plástico e acompanhada por monitor/ morador do bairro, que atuou como guia histórico do local. A oficina contou com a participação de sete membros da comunidade que durante três dias tiveram oportunidade de desenvolver trabalho criativo e aprofundar conhecimentos a respeito do local em que vivem.

A segunda, mesa redonda durante o Seminário *O Museu e as Cidades*, intitulada *Modelos de Gestão Museológica e a Inclusão Social: ecomuseu*, que contou com a presença de Odalice Priosti, representando o Ecomuseu de Santa Cruz, Rio de Janeiro, Laís Aderne, do Ecomuseu do Cerrado em Goiás, e a nossa participação, sob coordenação da Diretora Municipal de Cultura de Ouro Preto, Sandra Fosque.

Posteriormente, fomos solicitados pelo coordenador do Escritório Técnico do IPHAN/OP - 13ªSR/ ET I- OP , arquiteto Benedito Tadeu de Oliveira a elaborar projeto para atuação educativa e museológica na área em questão.

A partir de todas essas premissas, fomos convidados a participar de duas reuniões na Secretaria Municipal de Cultura e Patrimônio – dias 5 e 8/8/05, – para iniciarmos, em conjunto, a elaboração de um anteprojeto.

CONCEITUAÇÃO

NOVA MUSEOLOGIA – ECOMUSEOLOGIA – MUSEOLOGIA COMUNITÁRIA

As chamadas Nova Museologia, Museologia Comunitária, Ecomuseologia, começaram a ser praticadas em diferentes regiões do mundo a partir da década de 1970, depois da realização de Mesa-Redonda em Santiago, Chile sob auspícios da UNESCO e coordenação do Conselho Internacional de Museus – ICOM. Tal reunião trazia à tona as preocupações relativas ao papel desempenhado pelos museus na América Latina e em outros continentes.

Nessa ocasião é lançado o conceito de *Museu Integral*, “destinado a proporcionar às comunidades uma visão de conjunto de seu meio material e cultural,”² contribuindo para o conhecimento dos problemas do meio rural, do meio urbano e do desenvolvimento técnico-científico.

Na década seguinte, novas mudanças conceituais irão acontecer provenientes da prática desses princípios, referendados na *Declaração de Quebec*, em 1984, defendendo maior integração de todos os meios de desenvolvimento e estendendo as atribuições e funções tradicionais da Museologia a práticas mais abrangentes para melhor inserir suas ações naquelas ligadas ao meio humano e físico.

É nesta perspectiva que começa a tomar forma “uma museologia de caráter social” (Moutinho, 1989, p.115) invertendo-se a lógica de constituição da “coleção” – pois os testemunhos materiais e imateriais deveriam, de início, fazer parte de experimentações e vivências do presente – e o público usuário teria uma participação ativa, criadora, colaboradora e não mais contemplativa, de espectador. Em outras palavras, trabalha-se inicialmente, as questões afetivas, cognitivas e volitivas relacionadas com a memória presente para transportá-la ao passado em uma fase posterior.

Trata-se então de “trabalhar com a perspectiva de um movimento de memória que se conecta estrategicamente ao presente sem querer esquecê-lo, mas olvidando necessariamente alguns aromas do passado (...) Onde há memória há esquecimento e “lá onde há poder há resistência” (Foucault, 1997: p.91). A possibilidade de múltiplas leituras resgata para o campo museológico a dimensão do litígio: é sempre possível uma nova leitura. Onde há poder há memória”.³

² DE ARAUJO, Marcelo Mattos e BRUNO, Maria Cristina de Oliveira (Org.). A Memória do Pensamento Museológico Contemporâneo – Documentos e Depoimentos. São Paulo: USP/ Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.

As práticas desenvolvidas na perspectiva dialética entre o *poder da memória versus a memória do poder* irão possibilitar aos cidadãos um instrumental mais efetivo no sentido de melhor equacionar seu *acervo de problemas*, contribuindo assim para a ampliação e socialização da produção de bens, serviços e informações culturais.

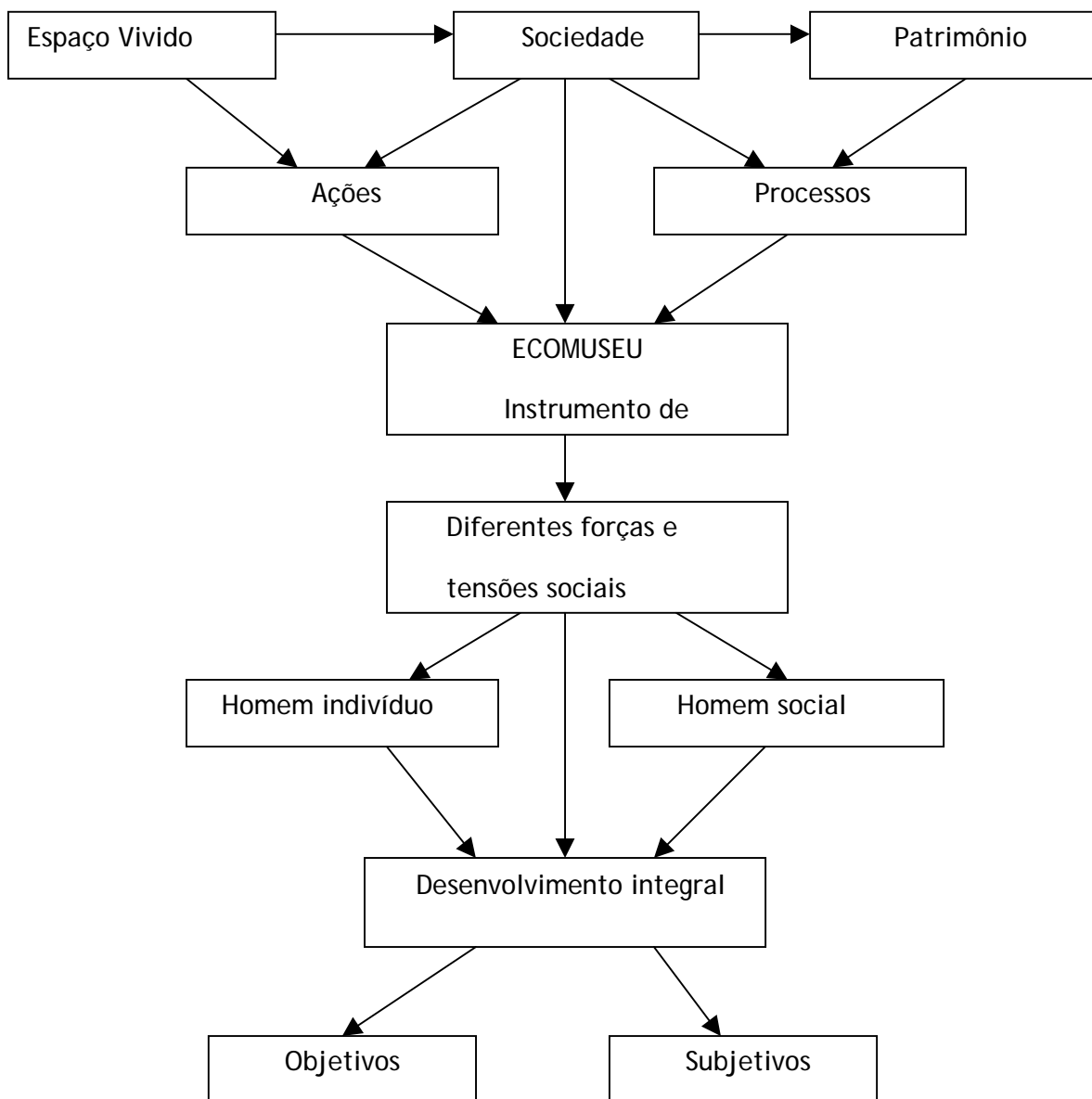
“O compromisso, neste caso, não é com o ter, acumular e preservar tesouros, e sim com o ser espaço de relação, capaz de estimular novas produções e abrir-se para a convivência com as diversidades culturais”.⁴

O que está em jogo é a tentativa de superação de determinadas tensões sociais relacionadas nas *Perspectivas Educativas da UNESCO para o Século XXI*: o global e o local; o universal e o singular; o material e o espiritual; a tradição e a modernidade; as coisas de longo e curto prazo e o desenvolvimento tecnológico e sua capacidade de assimilação e acesso pelo homem.

Chama-se atenção ao fato de que essa corrente museológica vem arrebanhando número considerável de adeptos, proliferando assim suas experiências internacionais – no México, França, Portugal, Nicarágua, Canadá, Itália, por exemplo – e nacionais, como o Ecomuseu do Quarteirão, Santa Cruz, zona oeste do município do Rio de Janeiro, o Ecomuseu do Cerrado, abrangendo diversos municípios do Estado de Goiás e o Ecomuseu da Amazônia em Belém do Pará.

Para melhor compreensão do conceito pode-se observar a estrutura abaixo:

³ CHAGAS, Mário. Memória e Poder: contribuição para a teoria e a prática nos ecomuseus. Texto digitalizado. S/D.



A partir do trinômio *espaço vivido(território) – sociedade – patrimônio*, a Ecomuseologia propõe a realização de *ações e processos* “ que contemplam e consideram as particularidades de cada contexto local e específico, no qual atuam e

⁴ CHAGAS, Mário. Op.Cit. S/D.

se situam (...) este museu *integrado* é concebido como um “meio” de comunicação (...) entre os elementos desse triângulo, servindo de instrumento de diálogo, de interação das diferentes forças sociais”.⁵

O *Museu* será um instrumento fundamental ao *homem indivíduo* e ao *homem social*, contribuindo para a resolução de tensões e desafios enfrentados ao longo do seu processo de vida. Um instrumento que possa servir ao seu desenvolvimento integral, levando-se em consideração as questões objetivas e subjetivas.

REFLEXÕES

Ecomuseu da Serra de Ouro Preto

Arqueologia dos lugares e não lugares de uma experiência comunitária

A História do lugar

O subsolo das áreas onde se localizam, atualmente, os bairros envolvidos com a implantação do Ecomuseu da Serra de Ouro Preto – morros da Queimada, São João, Santana, Piedade e São Sebastião – em outros tempos uma jazida arqueológica, é hoje testemunho do período da exploração do ouro nas minas gerais, como eram chamadas. Mas não só o subsolo. Em todos esses bairros estão também à mostra resquícios da ocupação urbanística de um dos mais prósperos arraiais mineradores do início do século XVIII – o Arraial do Ouro Podre ou Arraial do Pascoal – de propriedade do rico comerciante português Pascoal da Silva Guimarães, o qual, em 1708, já possuía grande contingente de escravos para trabalhar nas minas. O lugar foi tomando um impulso muito grande e, no auge da exploração do ouro, contava com aproximadamente três mil moradores.

⁵ HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. 20 Anos depois de Santiago: A Declaração de Caracas – 1992. In: DE ARAUJO, Marcelo Mattos e BRUNO, Maria Cristina de Oliveira (Org.). A Memória do Pensamento Museológico Contemporâneo – Documentos e Depoimentos. São Paulo: USP/ Comitê Brasileiro do ICOM, 1995. p.35.

Segundo a historiadora Elodia Honse Lebourg⁶,

Nestes morros da Serra de Ouro Preto, as ruas abertas ao longo das encostas deixavam, de um lado, lotes de fortes aclives e, do outro, de consideráveis declives. Os materiais mais utilizados nestas construções variavam bastante. As rochas empregadas eram os quartzitos em blocos ou em formações estratificadas que, como lajes, foram largamente empregadas em Vila Rica. As rochas talcosas e maciças geralmente utilizadas eram a pedra-sabão ou de panela. As madeiras aproveitadas eram a canela preta, a braúna, a candeia, a canela-de-ema, os coqueiros chamados de palmito, as taquaras e as samambaias arborescentes. Usava-se ainda canga, areia, cal e ferro.

Por volta de 1711, em Vila Rica de Albuquerque já se observava uma mudança no traçado urbanístico, com o início da construção de pontes, chafarizes, abertura de ruas, surgimento de um comércio e uma certa ordem administrativa.

É por essa época que o rei D. João V institui a cobrança dos “quintos” – imposto de 20% sobre o total do ouro extraído, criando tensões na relação entre os mineradores e a Coroa Portuguesa. As Casas de Fundição, instaladas a partir de 1719, aumentam ainda mais essa pressão, pois estava proibida a circulação do ouro em pó ou em pepitas. Esses deveriam ser fundidos e marcados com o selo real.

A situação tornou-se insustentável e, em 1720, eclodiu a revolta conhecida como “sedição de Vila Rica”, sufocada por D. Pedro de Almeida Portugal, Conde de Assumar. Vários revoltosos foram presos, entre eles o próprio Pascoal, deportado para Lisboa. Seu arraial foi totalmente queimado e a população se refugiou em outros locais da Vila.

Conta a lenda que a “cidadela do Ouro Podre” ardeu em chamas por toda a noite, para servir de exemplo a quem ousasse desrespeitar a Coroa. A partir de então, o lugar ficou conhecido como “Morro da Queimada”.

A Outra História: um lugar para morar

⁶ LEBOURG, Elodia Honse. **Vila Rica, 1720: História, Sedição e Arquitetura**. Ouro Preto: FAOP, 2006. p.15. Monografia.

Com o declínio da produção aurífera o local ficou abandonado, em ruínas, por quase duzentos anos. Uma nova ocupação, porém, vem se verificando há pouco mais de um século, incentivada de início pela própria Câmara Municipal, conforme documento assinado por seu presidente, Diogo Luiz de Almeida Pereira, em 1892⁷:

(...) Considerando que essas mesmas superfícies isentas uma vez abandonadas revertiam livres de toda excepção ao patrimonio municipal; pelo que considerando como nos Morros de Sant-Anna, da Piedade e outros antigos arraiais suburbanos grandes extensões acham-se vagas coberta apenas por ruínas; e bem assim como a Câmara tem necessidade de terrenos para afora a todos quantos desejam repovoar esses bairros no interesse de favorecer o grande desenvolvimento que a cidade está tomando.

Paulatinamente, desde o final da década de 1940, começa a surgir novo povoamento, desordenado, nos antigos territórios mineradores de Pascoal. Impulsionado até então pela ausência de políticas públicas preservacionistas, por políticos inescrupulosos, pelo aumento da população e sua conseqüente necessidade de moradia, vai se adensando, circundando o perímetro urbano tombado da cidade de Ouro Preto. Para se ter uma idéia, o censo do ano 2000, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, registra um total de aproximadamente 4.132 habitantes na região.

Em 2002, cerca de 68,2% dos 250 mil hectares que compreendem o Morro da Queimada estavam ocupados por pessoas provenientes de áreas rurais vizinhas à região, o que contribuiu, mais uma vez, para sua acelerada descaracterização.⁸

⁷ ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OURO PRETO. Livro de Registro de Ofícios de portarias. No.950, livro 08, cx.20, fls 13v a 14. 1892-1893. Documentos de vereanças, cx.14, 1892. Citado por FERREIRA, Juliano, **Caminhos, Percursos, Histórias e Interpretações nos Museus de Ouro Preto**. Ouro Preto: Festival de Inverno, 2007. (Apostila.)

⁸ Ver FONSECA, Marco Antônio, *Ocupação Desordenada Ameaça Patrimônio Mineiro de Ouro Preto*, citado na monografia de OSTANELLO, Mariana Cristina Pereira, **Parque Arqueológico, Ecomuseu e Turismo – Contribuições para a preservação do**

Milton Santos⁹ refere-se a “lugar” como um modo de tratamento do “mundo vivido” que implica compreender esse “lugar” por meio de relações, objetivas e subjetivas, que com ele se estabelecem. Quais seriam então as relações objetivas e subjetivas estabelecidas por esse novo contingente populacional com os “lugares de memória” do Ciclo do Ouro na cidade de Ouro Preto, Patrimônio Cultural da Humanidade? Quais são seus valores de referência, suas raízes identitárias, seus laços afetivos? Seu sentido de pertencimento relaciona-se a que tempo? Ao passado, ao presente, ou aos dois, concomitantemente?

Retornando a Santos¹⁰: “Tempo e espaço conhecem um movimento que é, ao mesmo tempo, contínuo, descontínuo e irreversível. Tomado isoladamente, tempo é sucessão, enquanto o espaço é acumulação, justamente uma acumulação de tempos”. Nesse sentido, o tempo presente relaciona-se à evolução das coisas, enquanto que a paisagem formada pelas escritas anteriores dos lugares relaciona-se à acumulação de tempos passados, inertes. É o tempo social vivo que irá desfazer e renovar continuamente essa relação.

Os lugares de Relação: Parque Arqueológico do Morro da Queimada e Ecomuseu da Serra de Ouro Preto

“Os objetos, naturais ou artificiais, são híbridos (...) já que não têm existência real, valorativa, sem as ações. Assim, cada lugar se define tanto por sua existência corpórea, quanto por sua existência relacional.”¹¹

Patrimônio e Desenvolvimento Social no Antigo Arraial do Ouro Podre. Ouro Preto: UFOP/DETUR, 2007. p. 22. O texto de M.A.Fonseca encontra-se disponível em http://www.radiobras.gov.br/ct/2002/materia_010302_5.htm. Acesso em 18 jul 2007.

⁹ SANTOS, Milton. Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1997. Citado por: SÁ, Graziela Lopes de. **Museu da Inconfidência: Uma Análise do Seu Papel Social e Sua Utilização como Equipamento de Lazer.** Ouro Preto: UFOP, 2007. p. 59. Monografia.

¹⁰ _____ . **Da Totalidade ao Lugar.** São Paulo: USP, 2005. p. 63.

¹¹ SANTOS, Milton. Op.cit. p.159.

A necessidade de criação do Parque Arqueológico do Morro da Queimada surgiu sob a perspectiva de proteção de um patrimônio que foi sendo aos poucos dilapidado, tanto pelo poder público local, quanto por parte da população que veio ocupando novamente, ao longo do tempo, a região.

Dentre os objetivos¹² para sua criação, podemos destacar: ampliação das pesquisas históricas por meio de programas de escavações arqueológicas, possibilitando um conhecimento mais amplo sobre a cultura material, a história da paisagem, das técnicas e dos objetos usados na mineração; proteção e ordenamento das ruínas das primeiras edificações construídas com pedra e argamassa, dos detalhes em cantaria e dos conjuntos de ruínas de currais e pátios constituídos de muros de pedra em junta seca; revisão da historiografia mineira e crítica da história positivista; estudo da memória de Felipe dos Santos e da sedição de Vila Rica (1720) à luz da história da cultura material da região; criação de uma opção diferenciada de turismo fora do circuito tradicional; proteção de parte significativa da moldura paisagística do conjunto arquitetônico e urbanístico de Ouro Preto tombado pelo IPHAN; melhoria da qualidade de vida e inclusão social das comunidades vizinhas; desenvolvimento da consciência dos moradores e transformação da auto-imagem; geração indireta de emprego e renda, bem como da sustentabilidade econômica do empreendimento.

O que se percebe é que, pouco a pouco, o movimento começa a se ampliar, integrando-se cada vez mais às finalidades e objetivos desse empreendimento que irá se constituir, na realidade, em um complexo museológico constituído pelo *espaço-testemunho* advindo das escavações e contenção das ruínas remanescentes do antigo arraial; pela experiência contemporânea comunitária (*espaço cultural vivido*), procurando cumprir o

¹² MINISTÉRIO DA CULTURA. Mecenato. Formulário para apresentação de Projetos. **Parque Arqueológico do Morro da Queimada em Ouro Preto, MG**. Ouro Preto, set. 2005.

que foi proposto na Carta de Belém,¹³ através de princípios democráticos que possibilitem o exercício da cidadania e o desenvolvimento da consciência crítica; e pelo *lugar-ambiente*, potencializando uma rede de relações “sustentáveis” entre homem, natureza, cultura e sobrevivência.

Nessa perspectiva, busca-se a superação das tensões sociais e culturais, como por exemplo: mudança e permanência; mobilidade e imobilidade; esquecimento e memória; o eu e o outro; presente e passado; patrimônio construído e patrimônio espiritual.

Palavra-chave: Arqueologia (do grego *archaiología*, estudo de antiguidades, especialmente do período pré-histórico).¹⁴

“**Estimando** que a garantia mais eficaz de conservação dos monumentos e obras do passado reside no respeito e dedicação que lhes consagram os próprios povos e certa de que tais sentimentos podem ser enormemente favorecidos por uma ação apropriada (...) **Convencida** de que os sentimentos que dão origem à contemplação e ao conhecimento das obras do passado podem facilitar grandemente a compreensão mútua entre os povos (...) e Sendo a arqueologia uma ciência comparativa, dever-se-ia levar em conta, na criação e organização dos museus e das coleções procedentes de pesquisas, a necessidade de facilitar, o mais possível, o trabalho de comparação. Deveria ser criado, junto aos sítios arqueológicos importantes, um pequeno estabelecimento de caráter educativo – que permita aos visitantes compreender melhor o interesse dos vestígios que lhes são mostrados”.¹⁵

¹³ SEMINÁRIO DE IMPLANTAÇÃO DO ECOMUSEU DA AMAZÔNIA, 8-10 jun., 2007, Belém do Pará. Carta Compromisso. Assinada pelos participantes.

¹⁴ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. p. 135.

¹⁵ UNESCO, Conferência Geral – 9ª sessão, Nova Delhi, 5 de dezembro, 1956. Recomendação que define os princípios internacionais a serem aplicados em matéria de pesquisas arqueológicas. In: CURY, Isabelle (Org). **Cartas Patrimoniais**. Rio de Janeiro: Edições do Patrimônio, 2000. p. 69-80.

“Art. 1º O “patrimônio arqueológico” compreende a porção do patrimônio material para a qual os métodos da arqueologia fornecem os conhecimentos primários. Engloba todos os vestígios da existência.

AÇÕES EM DESENVOLVIMENTO

Através de diferentes frentes de atuação, como as ações do Inventário Participativo – por exemplo, o projeto de entrevistas “Memória de Vida”, e as ações de desenvolvimento social com ênfase nas atividades direcionadas à juventude – oficinas de arte e comunicação, procura-se o diálogo entre a dinâmica da territorialidade do acontecer histórico, sua criação e recriação. Assim, “o espaço torna-se lugar quando adquire valor de referência passando a significar identidade, exprimir laços afetivos e sentimento de pertencimento aos moradores”¹⁶.

1. PROJETO MEMÓRIA DE VIDA

OBJETIVOS GERAIS:

Recolher depoimentos importantes à reconstrução das memórias passadas e presentes, das comunidades afetas ao projeto ECOMUSEU;

Incentivar o papel protagonista dessas comunidades;

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Recuperar informações históricas, culturais e sociais das populações locais, suas origens e procedências;

Traçar o perfil populacional local (presente e passado);

Investigar as origens das tradições, dos costumes, crenças, ofícios, linguagem, histórias e objetos de afeto e/ou de coleção dessas populações.

ENTREVISTADOS:

A lista dos entrevistados é fornecida por membros das comunidades, que funcionarão como mediadores; A ênfase, primeiramente, é dada aos

¹⁶ SÁ, Graziela Lopes de. **Museu da Inconfidência: Uma Análise do Papel Social e Sua Utilização Como Equipamento De Lazer**. Ouro Preto: UFOP/DETUR, 2007. p.58. Monografia.

moradores mais antigos por possuírem maior experiência de vida. Em seguida, iremos incluir pessoas de diferentes faixas etárias.

EQUIPE:

Coordenação: Margarida Barboza dos Anjos - líder comunitária - formada em Filosofia/UFOP;

Monitoria: Denise Yonamine - aluna do curso de Museologia/UFOP - formada em História/USP. Possui experiência em Memória Oral adquirida no Museu da Pessoa, SP.

2. OFICINAS NO FESTIVAL DE INVERNO DE OURO PRETO E MARIANA - mês de julho

2008

Marias de Chita

Público-alvo: Mulheres artesãs, bordadeiras e crocheteiras das

Comunidades dos bairros que integram o Ecomuseu da

Serra do Ouro Preto.

Descrição: Dentro do coração das Marias existem saberes arqueológicos, ancestrais que na tessitura dos objetos são revelados “na arte do saber fazer”. A oficina “Marias de Chita” teve como proposta, tecer com essas guardiãs das comunidades, os relicários que as mantêm como “tesouros vivos” de seus lugares. É uma proposta de “educar para a vida”, portanto, permitiu a reflexão, o diálogo, o entendimento, de que o “objeto” é um Bem Cultural, Patrimonial.

Objetivos : Elaborar um objeto conceitual; Trabalhar conceitos de autoria, identidade, apropriação; conhecer e identificar “lugares de memória”.

Resultados esperados: Interagir com as comunidades da Serra de Ouro Preto agregando valores culturais e patrimoniais pertencentes à história local.

Vagas:20

Período: 21 a 25 de julho – 13h às 17h

Local: Escola Municipal Juventina Drummond, Morro de Santana

Idealização e execução: Maria José Davino Alves, pedagoga, trabalhou no setor pedagógico do Museu da Inconfidência de 1997 a 2005. Ministrou a oficina *Penélope do Faria* pelo Festival de Inverno de Ouro Preto, em 2005.

3. OFICINAS JUVENTUDE E DESENVOLVIMENTO SOCIAL – EDITAL PROEXT 07 – MEC/SEsU – UFOP – PROEX

O Projeto Ecomuseu da Serra de Ouro Preto está inscrito como Projeto de Extensão – PROEX/ UFOP, desde 2006.

CONSIDERAÇÕES GERAIS:

Este é um tema fundamental no desenvolvimento de processos museológicos de maneira geral. O Brasil atualmente, se encontra em uma grande encruzilhada. Os desafios enfrentados pelas diversas instituições e organizações passam pela necessidade de solucionar problemas permanentes: a erradicação do analfabetismo crônico, unido à falta de trabalho para os jovens, os problemas com as drogas, a depressão e o alto grau de agressividade, entre outros. A conclusão do informe “Situação da Adolescência no Brasil”, elaborado pelo UNICEF (JB, 2002, p.A4) não deixa dúvidas: “cerca de 8 milhões de adolescentes – 38% do total de 21 milhões de jovens entre 12 e 17 anos – tem o futuro comprometido pela precariedade educacional e pela pobreza”. Essas estatísticas são alarmantes.

O museu – e não poderia ser de outra forma – absorve a problemática do presente e busca saídas mediante o questionamento, o diálogo e a ação. No III Encontro do ICOM-BR (Porto Alegre, 2001) os participantes do Grupo Educação elaboraram um documento sobre “O Educador de Museu Frente aos Desafios Econômicos e Sociais da Atualidade”, que coloca a educação entre os aspectos relevantes, considerando que “(...) através de seu papel ativo no desenvolvimento do conceito de cidadania e na criação de mecanismos de inclusão social, tem o potencial de promover o acesso sócio-econômico e cultural dos cidadãos” (Cabral e outros, 2001,p.2). O documento elaborado na Conferência Internacional do CECA-ICOM de Nairobi (2002) recomenda: “Na relação entre educação e museu os especialistas deverão operar promovendo atividades baseadas em metodologias próprias que considerem esta instituição como espaço ideal de articulação do afetivo, do sensorial e do cognitivo, do abstrato e do conhecimento inteligível, assim como da produção de conhecimento” (Stuart e outros, 2002, p.4).

Caracterizamos o *jovem* sob o enfoque integral do desenvolvimento humano, entendido como a transformação gradual e contínua do indivíduo, expressada nos elementos bio-psico-sociais que contribuem à formação da personalidade nas diferentes etapas da vida. Partindo dessas premissas, é possível determinar certas regularidades e potencialidades. Segundo critérios adotados por autores cubanos, o jovem estaria incluído em duas fases do desenvolvimento humano: a adolescência e a juventude. Comparando as características das duas fases e levando-se em conta as potencialidades de uma e outra, teríamos a destacar, uma grande capacidade de dedução e imaginação; vínculos afetivos com o grupo de convivência; busca de independência, ao mesmo tempo, forte necessidade de se recorrer a um mediador para a tomada de decisões.

Os museus, como espaços privilegiados de acolhimento, exploração e desenvolvimento de potencialidades, são ferramentas poderosas no sentido de contribuir ao equilíbrio de tensões que afetam, principalmente, o jovem, por ser mais sensível e propenso às inúmeras influências e possibilidades de agressões externas.

METODOLOGIA:

Utilização de metodologias participativas visando a superação das tensões sociais e culturais. Desenvolvimento de ações relacionadas com a museologia e sua interface

com a história, a educação para o patrimônio, o turismo, o meio ambiente e a ecologia. Ações direcionadas ao público jovem.

PÚBLICO-ALVO: comunidade de adolescentes e jovens – faixa etária entre 9 e 15 anos moradora dos bairros incluídos no Ecomuseu da Serra de Ouro Preto.

OFICINA REALIZADA EM 2008:

“LENHEIRAS: BUSCANDO LENHA E FAZENDO HISTÓRIA”

Idealização e execução: Margarida Maria Barboza dos Anjos, bacharel e licenciada em Filosofia/ UFOP; líder comunitária dos morros de Santana e São João. Vem ministrando na comunidade, diversas oficinas voltadas para a juventude, entre elas: a “Essência da quadrilha de São João” e “Histórias e Dobraduras”.

Monitores: Denise Yonamine e João Carlos Tobias – alunos do Departamento de Museologia/ UFOP.

Conteúdos: trajetória das lenheiras da comunidade - cotidiano e luta; qualidade da lenha (brasa ou fogo?); preservação da natureza; apetrechos para a caminhada; merendas e quitandas; histórias e prosas do caminho; curiosidades e receitas.

Conceitos: comunidade; natureza e preservação; resgate; pertencimento; valorização; força; coragem; sabedoria; convivência.

Metodologia: diálogos expositivos; dinâmicas e trabalhos em grupo; pesquisa e entrevistas na comunidade; montagem de um livro de receitas com as quitandas das lenheiras; degustação de algumas quitandas.

Público Atendido:

1. **Na 1ª Oficina:** de 27 a 30, outubro, 2008 – 14h às 17h

Local: Casa da Capela de São João do Ouro Fino

15 jovens entre 10 e 14 anos

2. Na 2ª Oficina: de 3 a 6, novembro, 2008 – 14h às 17h

Local: Casa da Capela de São João do Ouro Fino

9 jovens entre 8 e 10 anos

3. Na 3ª Oficina: de 24 a 27 de novembro, 2008 – 14h às 17h

Local: Casa Paroquial do Morro São Sebastião

19 jovens entre 7 e 12 anos

OFICINAS PLANEJADAS PARA 2009:

1. Oficina “Patrimônio Natural e Cultural no Ecosistema do Morro da Queimada”

Prof. Walter Gonçalves, pedagogo

Conteúdos: histórico da ocupação do Morro da Queimada, desde o ciclo do ouro até os dias atuais; elementos naturais e construídos do meio ambiente; conceituação de educação ambiental, desenvolvimento sustentável e ecologia; identificação das principais espécies vegetais e animais do ecossistema local; conceituação de patrimônio cultural e suas implicações na vida das pessoas; identificação das minas e mundéus e sua importância de serem preservadas.

Conceitos: relacionados com: a apropriação coletiva do patrimônio cultural e natural, chamando atenção para a forma como se realiza a ação do homem na natureza e como se constrói um patrimônio cultural; com o despertar da necessidade de preservar e cuidar do patrimônio natural visando a sobrevivência das espécies e dos recursos naturais; com a garantia da qualidade de vida da população.

Metodologia: deverá permitir o envolvimento integral dos alunos através da interatividade e de acordo com a pedagogia da alternância, com momentos em sala de aula e aulas *in loco*, possibilitando a inter-relação teoria/prática em todos os momentos do processo de aprendizagem.

2. Oficina “Eco-Voador”

Prof. Gélcio P. Fortes (Gê Fortes), artista plástico, educador, coordenador do Museu-Casa Guignard, OP ;

Dinâmica: produção de carta/convite para participação nos encontros Eco-Voadores;

Distribuição das cartas-convites;

Realização da oficina Eco-Voador em 4 encontros;

Realização dos Sábados Voadores em 3 encontros.

Conteúdos: realização da oficina de expressões artísticas da comunidade (público-alvo) envolvendo o tema Brinquedo/Bonecos e suas relações de afeto.

Conceitos: Potencializar o diálogo entre os jovens identificando linguagens e expressões artísticas, como, áudio-visual, artes plásticas, literatura, música, teatro, dança, artesanato, etc.

Metodologias: participativas, tendo como palavra-chave, **afeto** e como objeto de trabalho, bonecas e bonecos presentes no cotidiano juvenil. Elaboração de fichas de inventário, recolhendo histórias que servirão de base para as manifestações artísticas.

3. Oficina: “Comunicação e Cultura: nossa juventude em ação interativa no Ecomuseu da Serra de Ouro Preto”

Prof. Kátia Moreira, pedagoga e arte-educadora

Conteúdos: juventude e sociedade; educação patrimonial; comunicação visual.

O **objetivo geral** é desenvolver a autonomia do olhar crítico entre os jovens para a valorização do patrimônio material, imaterial e natural existentes na comunidade onde vivem, de modo que se possa ter consciência da importância de manter vivo o sentimento de preservação e cidadania, visando práticas discursivas da comunicação visual, que levarão a elaboração de um jornal escrito e falado a ser distribuído e exibido para a comunidade local ao final do projeto Ecomuseu da Serra.

Os **objetivos específicos:** Proporcionar uma experiência de ecomuseu, compreendendo o contexto social, físico e pessoal de cada participante; Desenvolver

um percurso de criação, individual e coletivo, em que se articulem percepção, imaginação, emoções e idéias; Experimentar vários suportes, materiais, técnicas e procedimentos variados que se concretizarão num jornal comunitário.

Conceitos: cidadania; preservação, valorização e memória; jornalismo comunitário.

Metodologias: as atividades obedecerão ao princípio do "aprender pensando/fazendo, em grupo". Dentre elas: dinâmicas de grupo; rodas de conversa; listagem de sugestões para a montagem de um jornal; visitas a comerciantes e outros empreendedores do bairro; entrevista com outros moradores do bairro; elaboração de textos; produção de desenhos; filmagem durante as atividades realizadas; fotografias.

Avaliação: avaliação e auto-avaliação durante o processo será através de rodas de conversa;

Gráfico das atividades realizadas com graus de dificuldade; Preenchimento de ficha avaliativa sobre o projeto.

4. Oficina: HISTÓRIAS DA SERRA DE OURO PRETO: ONTEM, HOJE E AMANHÃ

Professora: Elodia Honse Lebourg, historiadora

Conteúdos: Breve História de Ouro Preto; História da Serra de Ouro Preto; Sedição de Vila Rica (1720);

Conceitos: História; Passado, Presente e Futuro; Movimentos Sociais; Negociação; Patrimônio; Educação Patrimonial; Cidadania; Comunidade; Inclusão Social; Pertencimento.

Metodologia: será pautada em diálogos expositivos e participativos em sala de aula integradas com atividades em campo, nos próprios bairros.

METAS ALCANÇADAS PELO PROJETO ECOMUSEU – 2006 A 2008

1. Preparação da equipe: revisão bibliográfica; discussão coletiva do projeto; seleção dos conceitos que permeiam as ações;
2. Interação alunos/equipe comunitária: através de reuniões periódicas e participação nas atividades;
3. Participação dos alunos nas ações realizadas: sensibilização de membros da comunidade – planejamento e desenvolvimento de atividades;
4. Participação em fóruns de debate: comunicações orais apresentadas pela prof^a coordenadora, no Brasil (Seminário de Implantação do Ecomuseu da Amazônia, Belém) e em Portugal (XII Atelier do Movimento Internacional da Nova Museologia – MINOM/UNESCO).
5. Participação em oficina do Festival de Inverno de Ouro Preto: “Caminhos, Percursos, Histórias e Interpretações nos Museus de Ouro Preto”, ministrada por membros das equipes dos museus, entre eles, a prof^a coordenadora e membros da equipe comunitária;
6. Participação em reuniões periódicas e ações do Sistema de Museus de Ouro Preto – SMOP: representação realizada pela prof^a coordenadora e um membro da equipe comunitária.
7. Reconhecimento político do projeto pela sua inclusão no Sistema de Museus de OP;
8. Participação, através de concorrência, no Programa de Apoio a Extensão Universitária – PROEXT 2007 – sendo contemplado com auxílio financeiro para a realização de oficinas direcionadas ao tema “Juventude e Desenvolvimento Social”, em 2008.
9. Tema de Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharelado em Turismo – da Aluna Mariana Cristina Pereira Ostanello, no ano de 2007, sob orientação da prof^a coordenadora do Projeto. Título: Parque Arqueológico, Ecomuseu e Turismo:

contribuições para a preservação do patrimônio e desenvolvimento social no antigo Arraial do Ouro Podre.

EQUIPES PARTICIPANTES DE DISCUSSÕES E REFLEXÕES DO PROJETO:

2005

Odalice Miranda Priosti e Walter Priosti – Coordenadores do Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro – Santa Cruz, Rio de Janeiro/RJ;

Laís Aderne – Coordenadora do Ecomuseu do Cerrado, Goiás;

Sandra Fosque Sanches – Arquiteta/ Educadora - Diretora de Cultura da então Secretaria Municipal de Cultura e Patrimônio – Ouro Preto;

Alex Fernandes Bohrer – Historiador – Assessor de Patrimônio da então Secretaria Municipal de Cultura e Patrimônio – Ouro Preto;

Juliano Ferreira – Estudante universitário de História – Líder comunitário e morador do bairro Morro da Queimada - Estagiário da Secretaria Municipal de Cultura e Patrimônio – Ouro Preto;

Gelcio Pereira Fortes – Coordenador do Museu Casa Guignard – Ouro Preto.

2006

Alunos Extensionistas – Departamento de Turismo - UFOP

Joice Nishime

Ana Paula Ambrósio

Natasha D'Angelo Machado

Marina Moreno Putini

Priscilla Gitirana

Hugo Rodrigues de Araújo

Milton Ferreira Athayde

Dalton Bruno Alves dos Santos

Bárbara Dias Soares Vargas

Mariana Cristina Pereira Ostanello

Lidiane de Fátima Cesário

Angélica Gonçalves Pereira

Aline Passos Donato

Maria do Carmo Ferreira

Carla Elzi Rodrigues

Camila Aparecida de Carvalho

Equipe Comunitária

Juliano Ferreira

Maria da Lapa Moreira

Walter Gonçalves

Luiz Gonzaga de Oliveira

Geraldo Vicente

Maria Auxiliadora Moreira

2007

Alunos Extensionistas – Departamento de Turismo - UFOP

Laura Miranda Borba

Andressa Náthilla Nogueira Pivato

Lílian Rabelo da Silva

Ana Rita Rodrigues de Faria

Rafael Diniz de Mello

Karin Cristina Caraski

Mariana Cristina Pereira Ostanello

Lílian Rabelo da Silva

Equipe Comunitária

Walter Gonçalves Pereira

Juliano Ferreira

Margarida Barboza dos Anjos

Consultoria

Elodia Honse Lebourg

2008

Alunos Extensionistas – Departamento de Turismo - UFOP

Ludmilla Felisberto de Oliveira

Suellen Rodrigues

Thaís Nadal Ribeiro

Andressa Náthilla Nogueira Pivato

Paula Facio Vieira Leite

Ana Rita Rodrigues de Faria

André Maia Lemos

Laura Miranda Borba

Lígia Melo Vidal

Mila Moreira

Mônica Domingues

Renata Santos Silva

Alunos Extensionistas – Departamento de Museologia – UFOP

Denise Yonamine

João Carlos Tobias

Equipe Comunitária

Walter Gonçalves Pereira

Margarida Barboza dos Anjos

Professores Oficineiros

Gélcio Pereira Fortes

Kátia Moreira

Elodia Honse Lebourg

Maria José Davino Alves

Referências Bibliográficas

ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (Org). Memória e Patrimônio, ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

BITTENCOURT, José Neves, BENCHETRIT, Sarah Fassa e TOSTES, Vera Lúcia Bottrel (Edit). História Representada: o dilema dos Museus. Rio de Janeiro: MinC/ IPHAN/ MHN, 2003

CECA – ICOM. III Encontro Regional da América Latina e Caribe. Museus e Patrimônio Intangível – O Patrimônio Intangível como Veículo para a Ação Educacional e Cultural. São Paulo: MAB/FAAP, 2005.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. A Invenção do Cotidiano: 2. Morar, cozinhar. Trad. Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHAGAS, Mário. Memória e Poder: contribuição para a teoria e a prática nos ecomuseus. Texto digitalizado. S/D.

CURY, Isabelle (Org). Cartas Patrimoniais. Rio de Janeiro: Edições do Patrimônio, 2000.

DE ARAUJO, Marcelo Mattos e BRUNO, Maria Cristina de Oliveira (Org.). A Memória do Pensamento Museológico Contemporâneo – Documentos e Depoimentos. São Paulo: USP/ Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.

DE CARLI, Georgina. Vigência de la Nueva Museología en América Latina: conceptos y modelos. In: Revista ABRA de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad Nacional. Costa Rica: Editorial UNA, julio-diciembre, 2003. Edición eletrónica www.ilam.org. Instituto Latinoamericano de Museos.

DE VARINE, Hugues. O Tempo Social. Trad. Fernanda de Camargo-Moro e Lourdes Rego Novaes. Rio de Janeiro: Eça Editora, 1987.

_____. Reflexões Museológicas. Entrevista a Mário Chagas. In: Quarteirão, março, abril, 1997.p.6-7. Rio de Janeiro: NOPH/Ecomuseu do Quarteirão, Santa Cruz, 1997.

Site: www.Interactions-Online.com. Communautés et Développement. Espace de Travail.

ICOM/UNESCO. Código de Deontología para los Museos. Paris: ICOM, 2001.

MAGALHÃES, Aloísio. E Triunfo? A questão dos Bens Culturais no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. O Museu na Cidade x A Cidade no Museu. Para uma abordagem histórica dos museus de cidade. In: Revista Brasileira de História, V.5, Nº 8/9. São Paulo: setembro, 1984 – abril, 1985. p. 197-205.

QUARTEIRÃO. Órgão de Divulgação das Ações Culturais Desenvolvidas pelo Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica – NOPH e pelo Museu Comunitário/ Ecomuseu de Santa Cruz. Rio de Janeiro: NOPH, vários anos.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

SANTOS, Milton. Da Totalidade ao Lugar. São Paulo: EDUSP, 2005.

_____. Território e Sociedade. Entrevista a Odette Seabra, Mônica de Carvalho e José Corrêa Leite. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

SIMÃO, Maria Cristina Rocha. Preservação do Patrimônio Cultural em Cidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

THIESEN, Icléia, BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti e SANTANA, Marco Aurélio (Org). Vozes do Porto, memória e história oral. Rio de Janeiro: DP&A, UNIRIO, 2005.
